

Apresentação do dossiê temático

Licensed under
[CC BY 4.0](#)

Adriano Messias¹

O dossiê temático dessa edição deriva de apresentações proferidas por diferentes pesquisadores brasileiros e estrangeiros, tanto em modalidade presencial quanto online, que aconteceram durante o Colóquio “Ecossemiótica das Amazôncias no contexto da crise climática”. O evento, realizado em junho de 2024 no auditório do TIDD, Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP, contou com a presença de dezenas de estudantes e pesquisadores que puderam debater as múltiplas realidades amazônicas sob o espectro da semiótica e, mais especificamente, da ecossemiótica.

Como anteparo para os artigos encampados nesse dossiê, temos um dos campos mais fascinantes da pesquisa acadêmica atual, o Antropoceno, em sua multiplicidade de leituras e olhares semióticos. Neste escopo, destacamos as oportunas casuísticas que permeiam a vasta região amazônica, esta última servindo-nos como espécie de hiperobjeto paradigmático, cambiante e insolúvel – sobretudo se considerarmos que as alterações antrópicas realizadas naquelas terras tropicais e equatoriais, do século passado para cá, não são reversíveis ou recuperáveis.

Começamos com o texto “Antropoceno: terra incógnita”, de Lucia Santaella, no qual a pesquisadora discorre sobre o conceito histórico em torno da “Era do Humano”, que coloca o *sapiens* como grande modificador do sistema terrestre, juntamente com outras forças de cunho geológico e climático. Seguindo uma linha exploratória sobre a discussão atual em torno do Antropoceno, Santaella apresenta um panorama detalhado e crítico sobre a questão.

O segundo artigo, “O projeto da ecossemiótica e sua atualidade em 2025”, de Winfried Nöth, é contribuição notória até mesmo por provir de um dos pesquisado-

¹ Adriano Messias é pesquisador com doutorado em Comunicação e Semiótica e dois pós-doutorados no exterior. Possui vários livros acadêmicos publicados, além de vasta obra em ficção infanto-juvenil com mais de 200 títulos. Ganhou prêmios importantes, como o Jabuti, e o reconhecimento da Unesco por suas obras que contribuem para um pensamento ecossemiótico integrador. E-mail: adrianoescritor@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4510-129X>.

res que, nos anos 90, cunharam o termo ecossemiótica e estabeleceram seus fundamentos matriciais. Em 2024, a ecossemiótica – interessada nas relações mútuas entre os organismos e os ambientes – celebrou seu trigésimo aniversário. Portanto, o texto de Nöth – quem ainda tece uma análise semiótica sobre a grande inundação que se deu no Rio Grande do Sul naquele ano – assume a função de memorábilis: o autor percorre os principais nomes em torno da ecossemiótica, passando por Thomas Sebeok, Kalevi Kull e Timo Maran, sem deixar de lado as contribuições de Bruno Latour.

Em “Por uma ecossemiótica das Amazôncias: signos do Antropoceno em antromas tropicais”, Adriano Messias avança por discussões que entrelaçam as Amazôncias ao Antropoceno, discorrendo sobre possíveis aplicações da ecossemiótica no entendimento de um bioma ou antroma, bem como dos seres que interagem em dado ambiente. Para tanto, o pesquisador trabalha com conceitos de Nöth e Sebeok, além de ideias de autores que propõem novas perspectivas para se pensar o planeta – em sua maioria, a partir de paradigmas descoloniais e não eurocêntricos.

Em seguida, André Lemos, em “Sobre o fal(h)ar: cultura digital, precariedade e Antropoceno”, nos traz um olhar que explora a precariedade da comunicação e a ruína tecnológica na era atual, uma vez que a relação entre as materialidades da cultura digital e a crise ambiental global expõem a complexidade e a interconectividade do mundo através de erros, falhas e perturbações. Em suma: temos um processo de comunicação problemático, que não consegue “falar bem” e, com isso, desrespeita o bem-estar de modos de existência específicos. O pesquisador reivindica o necessário reconhecimento humano da pluralidade de seres e das inter-relações que se dão entre eles, buscando uma abordagem complexa, pela qual o “falar bem” pode evitar a ruína planetária.

O pesquisador Marcelo Moreira Santos, em seu “Comunicação colonial: por uma semântica de um habitar ancestral”, analisa as relações sinérgicas pragmáticas e complementares de um habitar ancestral em ecossistemas auto-poéticos, evocando um olhar semiótico indígena, capaz de preservar as trocas sígnicas interespécies. Por meio de uma abordagem tripartite da agrofloresta – termodinâmica, eco-biológica e agro-cultural –, Santos, ancorado em suporte teórico vasto, abre espaço para a compreensão de que os ecossistemas produzem linguagens, signos, informações, trocas, mediações e interpretações.

Já Kalynka Cruz, em seu texto “Colonialismo digital da Amazônia: a ecologia da conexão e a Starlink”, analisa, sob a perspectiva do colonialis-

mo digital, a chegada das tecnologias digitais à região amazônica, destacando os impactos da Starlink expandida em comunidades originárias. A pesquisadora discute ainda as implicações sociais, culturais e políticas da introdução de tecnologias externas, destacando a necessidade de se respeitar contextos locais em todo processo de inclusão digital. Seu estudo também reflete sobre os desafios da dependência tecnológica, do extrativismo de dados e da manipulação algorítmica, propondo uma abordagem ética e colaborativa.

Geane Carvalho Alzamora e Renira Rampazzo Gambarato, em “Os incêndios na Amazônia entre 2019 e 2024 na perspectiva da ecossemiótica”, tratam das repercussões midiáticas de graves incêndios que se deram em pontos variados da região amazônica. As pesquisadoras analisam a mobilização social em conexões digitais e a visibilidade temática nacional e internacional, salientando a ineficácia da repercussão transmidiática em termos de mitigação dos desastres ecológicos. Para elas, a perspectiva da ecossemiótica oferece uma abordagem mais integrada para se abordar a complexidade semiótica da Amazônia, permitindo que se considere a floresta como espécie de mente orgânica orientada pragmaticamente para voltar ao equilíbrio após a devastação.

Por fim, Adriano Messias apresenta, em “Entrevista com Timo Maran”, um diálogo com o biosemioticista e poeta estoniano em cinco perguntas que abordam a pertinência da ecossemiótica para se pensar os antromas e biomas amazônicos, as particularidades semióticas da linguagem simbólica do *sapiens*, o protagonismo de Sebeok no campo de uma semiótica menos antropocêntrica, as noções de texto e escrita aplicadas às modelagens não verbais do que chamamos natureza e qual o lugar que a semiótica ainda ocupa no panorama das ciências.

Acredito que os textos elencados nesse dossiê – transitando em torno da temática do Antropoceno e da Amazônia, e sempre sob provocativas inflexões teóricas – são capazes de nos orientar, em chave semiótica, sobre as urgentes discussões que devem ser feitas em torno das questões amazônicas. Ao mesmo tempo, as contribuições dos pesquisadores aqui reunidos incentivam pesquisas no promissor domínio ecossemiótico que, certamente, trará contribuições pertinentes para esse tempo de catástrofes que tentamos compreender. Boa leitura!